

## Referências bibliográficas

- BALL, Stephen J. *Diretrizes Políticas Globais e Relações Políticas Locais em Educação*. Currículo sem Fronteiras, v.1, n.2, pp.99-116, Jul./Dez. 2001.
- BALL, Stephen J. *Reformar Escolas / reformar professores e os terrores da performatividade*. Revista Portuguesa de Educação, 2002, 12(2), pp. 03-23.
- BALL, Stephen J. *Sociologia das Políticas Educacionais e Pesquisa Crítico-Social*. CURRÍCULO SEM FRONTEIRAS, v.6, n.2, pp.10-32, Jul./Dez. 2006.
- BALL, Stephen. *The micro-politics of the school*. London: Methuen, 1987. (Citado por NÓVOA, 1992).
- BERGER, P. L. *Perspectivas Sociológicas*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BILAC, Jô. Conselho de Classe. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.
- BOGDAN; BIKLEN. *Qualitative research for education*. Boston, Allyn and Bacn, Inc., 1982. In: LÜDKE; ANDRÉ: *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- BONDIOLI, Anna. *O Projeto Pedagógico da Creche e a sua Avaliação – A qualidade negociada*. Campinas: Autores Associados, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A Reprodução*. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas*. Sobre a teoria da ação. 11ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN)*, 2013.
- BROOKE; SOARES. *Pesquisa em Eficácia Escolar. Origem e trajetórias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CANÁRIO, Rui. *O que é a Escola? Um olhar sociológico*. Porto: Porto Editora, 2005.
- CÂNDIDO, Antonio. A Estrutura da Escola. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. *Educação e Sociedade. Leituras de sociologia da educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.
- CARVALHO, José Murilo de. (org.) in: *Visconde do Uruguai*. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- CARVALHO, José Murilo de. In: LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 7ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CHARLOT, B. *Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- CHARLOT, Bernard. Entrevista. EDUC. FOCO, Juiz de Fora, v.14, n.2, p. 213-220, set. 2009 - fev 2010.
- CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação de professores e globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CORSO, A. M.; SOARES, S. T.. O ENSINO MÉDIO NO BRASIL: DOS DESAFIOS HISTÓRICOS ÀS NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES

- NACIONAIS. XANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.
- CUNHA, Luiz Antônio. Contribuição para a Análise das Interferências Mercadológicas nos Currículos Escolares. *REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO*, v. 16. n. 48, set. / dez. 2011.
- CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Médio e Técnico: de volta ao passado? *EDUCAÇÃO E FILOSOFIA*. 12 (24) 65-69 jul./dez.1998.
- CURY, Carlos R. Jamil. *Legislação educacional brasileira*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DAGMAR, M.L.Z. Breves anotações sobre a história do ensino médio no Brasil e a reforma dos anos 1990. in: *Ensino Médio e Ensino Técnico no Brasil e em Portugal: raízes históricas e panorama*; Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, PUC/SP (Org.) Campinas: Autores Associados, 2005.
- DAVIS; ESPOSITO: Papel e Função do Erro na Avaliação Escolar. *CAD. PESQ.* (74) agosto 1990.
- DUARTE, Nestor. *A Ordem Privada e a Organização Nacional (contribuição à sociologia política brasileira)* Série 5ª – Brasileira – Vol. 172 – Biblioteca Pedagógica Brasileira – Companhia Editora Nacional – 1939. Versão para eBook 2006.
- DUBET, François. *O que é uma Escola Justa?: escola das oportunidades*. São Paulo: Cortez, 2008.
- DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. Entrevista. *REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO*, maio/jun./jul./ago. 1997, n.5; set./out./nov./dez. 1997, n.6.
- DUBET: A Escola e a Exclusão. *Cadernos de Pesquisa* n. 119. São Paulo, 2003.
- FERNANDES, Domingos. *Avaliar para Aprender*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FERNANDES, Domingos. Para uma Teoria da Avaliação Formativa. *REVISTA PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO*, 2006, 19(2), pp. 21-50.
- FERRETI, C.J.; SILVA, M.R. da. Reforma do Ensino Médio no contexto da medida providória nº 746/2016: Estado, currículo e disputas por hegemonia. *EDUC. SOC. CAMPINAS*, v. 38, nº 139, p. 385-404, abr.-jun, 2017.
- FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO* (São Paulo), 10: 58-78. 1999.
- FORQUIN, J-C. *Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FREITAS. *Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática*. Tese de Livre-Docência, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1994.
- FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS. *Ensino Médio Integrado: concepções e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005.
- FRIGOTTO; LEHER: Aprovação Automática: educação neoconservadora e negação do direito ao conhecimento. Disponível em: [http://www.adur-rj.org.br/5com/pop-up/aprovacao\\_automatica.htm](http://www.adur-rj.org.br/5com/pop-up/aprovacao_automatica.htm)
- HÉBRARD. J. O Objetivo da Escola é a Cultura, e Não a Vida Mesma. Entrevista em *REV. PRESENÇA PEDAGÓGICA*, v.6, n.33, maio/jun. 2000, p. 5-17.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- HUBERMAN, Michael. In: NÓVOA, António (org.) *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1995.
- HUTMACHER, Walo. A escola em todos os seus estados: das políticas de sistemas às estratégias de estabelecimento. In: NÓVOA, António (org.) *As Organizações Escolares em Análise*, 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- KAUFMANN, Jean-Claude. *A Entrevista Compreensiva*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.
- KUENZER, A. O Ensino Médio Agora é para a Vida. *EDUCAÇÃO E SOCIEDADE*, ano XXI, nº 70. Abril 2000.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 7ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LELIS, Isabel A. O. M. O trabalho docente nas escolas de massas: desafios e perspectivas. *SOCIOLOGIAS*, Porto Alegre, ano 14, nº 29, jan. / abr. 2012, p. 152-174.
- LELIS, Isabel. O significado da experiência escolar para segmentos das camadas médias. *CAD. PESQUI.*, Maio 2005, vol.35, no.125, p.137-160. ISSN 0100-1574
- LEME, PAREDES e SOUSA. A Municipalização do Ensino Fundamental e seu Impacto sobre a Proficiência no Brasil. 2009. Versão final disponível em: [http://web1.estadao.com.br/pdf/arquivos/23\\_04\\_2009impacto.pdf](http://web1.estadao.com.br/pdf/arquivos/23_04_2009impacto.pdf)
- LIBÂNEO, J.C. O dualismo perverso da escola pública brasileira. *EDUCAÇÃO E PESQUISA*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.
- LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LIMA, Licínio C. *A Escola como Organização Educativa – uma abordagem sociológica*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- LUCKESI, C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. São Paulo: Cortez, 1998.
- MAINARDES, Jefferson. Abordagem do Ciclo de Políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. *EDUC. SOC.*, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 47-69, jan. / abr. 2006.
- MAINARDES, Jefferson; MARCONDES, M. Inês. Entrevista com Stephen J. Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. *EDUC. SOC.*, Campinas, vol. 30, n. 106, p. 303-318, jan./abr. 2009.
- MARCONDES; MORAES. Currículo e Autonomia Docente: discutindo a ação do professor e as novas políticas de sistemas apostilados na rede pública de ensino. *CURRÍCULO SEM FRONTEIRAS*, vol. 13, n. 3, p. 451-463, set. / dez. 2013.
- MATTOS. O Conselho de Classe e a Construção do Fracasso Escolar. *EDUCAÇÃO E PESQUISA*. São Paulo, v. 31, n. 2, maio/ago 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- NJAINE; MINAYO. Violência na Escola: identificando pistas para a prevenção. *INTERFACE*, v.7, n.13, ago 2003.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Convertidos e Oblatos – um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 7, 1997, 109-129.
- NOSELLA, P. Ensino Médio: em busca do princípio pedagógico. *EDUC. SOC.* Campinas, v. 32, n. 117, p. 1051-1066, out.-de. 2011.

- NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. *TEORIA E EDUCAÇÃO*, 4, p. 109-139, 1991.
- NÓVOA, António. Para uma análise das instituições escolares. In NÓVOA, António (org.) *As Organizações Escolares em Análise*, 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- NUNES. A Função Social da Escola e sua Relação com a Avaliação Escolar e Objetivos do Ensino. *TRILHAS*, Belém, v.1, n.2, Nov. 2000.
- OLIVEIRA, S.B. de; MENEGÃO, R.C.S.G. Vida e Morte do Grande Sistema Escolar Americano: como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação. *EDUC. SOC. Campinas*, vol. 33, n. 119, p. 647-660, abr./jun. 2012.
- PERRENOUD, Philippe. Sucesso na Escola: só o currículo, nada mais que o currículo! *CADERNOS DE PESQUISA*, n. 119, p. 9-27, julho 2003.
- RAVITCH, Diane. *Vida e Morte do Grande Sistema Escolar Americano*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- REIS. Entre Imagens e Expectativas: as representações de professores sobre alunos. In: LELIS; NASCIMENTO. *O Trabalho Docente no Século XXI: quais perspectivas?* Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2009.
- REZENDE, Flávia et al. Recontextualização do currículo nacional para o Ensino Médio de Física no discurso de professores. *ENS. PESQUI. EDUC. CIÊNC.* (Belo Horizonte), Dez 2014, vol.16, no.3, p.55-74.
- RIO DE JANEIRO. Governo do Estado. Secretaria de Estado de Educação SEEDUC. Currículo Mínimo. <http://www.conexaoescola.rj.gov.br/curriculo-basico> Acessado em 9/01/2018.
- ROCHA, A.D.C. da. *Conselho de Classe: burocratização ou participação?* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 3ª ed., 1986.
- SACRISTÁN, J. GIMENO. *A Educação Obrigatória: seu sentido educativo e social*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- SACRISTÁN, J. GIMENO; PÉREZ GÓMEZ, A. I. *Compreender e Transformar o Ensino*. São Paulo: ArtMed, 1998.
- SAVIANI, D. Bimestre: *REVISTA DO 2º GRAU*, Brasília, v.1, n.1, p. 13-15, out/1986.
- SAVIANI, D. O trabalho como princípio educativo frente as novas tecnologias. In: FERRETTI, C.J. et al. (Org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação. Do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Autores Associados e Corte Editora, 1982.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- SORJ, Bernardo. *A Nova Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- SOUSA, Sandra Maria Zákia Lian. Conselho de Classe: um ritual burocrático ou um espaço de avaliação coletiva? *SÉRIE IDEIAS* n. 25. São Paulo: FDE, 1998.
- SOUSA; TERRASSÊCA. Avaliação de escolas: que perfil de professor? V Simpósio sobre Organização e Gestão Escolar, Trabalho Docente e Organizações Educativas. Universidade de Aveiros, 2008.
- THURLER; PERRENOUD. Cooperação entre professores: a formação inicial deve preceder as práticas? *CADERNOS DE PESQUISA*, v. 36, n. 128, p. 357-375, maio/ago. 2006.

- TRAGTENBERG, M. *Sobre Educação, Política e Sindicalismo*. São Paulo: Cortez, 1982.
- VIANNA, Heraldo Marelim. *Pesquisa em Educação: a Observação*. Brasília: Plano Editora, 2003.
- VIANNA, Luiz Werneck. Curso “Teorias do Brasil”, no Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio, 2015. Notas de aula.
- WILLIS. *Learning to Labor: How Working Class Kids get Working Class Jobs*. Hampshire: Grower Publishing Company, 1977.
- YOUNG, Michael F. D. A Propósito de uma Sociologia Crítica de Educação. R. BRAS. EST. PEDAG., Brasília, 67(157):532-37, set./dez. 1986.
- YOUNG, Michael F. D. Para que Servem as Escolas? EDUC. SOC., Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.
- YOUNG, Michael F. D. Por que o conhecimento é importante para as escolas do século XXI? CADERNOS DE PESQUISA, v.46 n.159 p.18-37 jan./mar. 2016.
- ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA. *A Educação Danificada*. Contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: UFSC, 1997.

## 10 Anexos

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

O roteiro de entrevista passou por algumas modificações, desde quando foi concebido até as últimas entrevistas realizadas. Apresentaremos a seguir a forma inicial e a forma final.

#### FORMA INICIAL:

##### Roteiro de Entrevista:

1- Quais são os objetivos de sua disciplina ou de seu trabalho aqui na escola?

*[pergunta fundamental desta pesquisa]*

2- Como você avalia os seus alunos em sua disciplina? O que entra e o que não entra na avaliação? (Conteúdos? Habilidades? Comportamento? Outros?)

*[Esta pergunta visa sondar a coerência entre metas, objetivos e método de avaliação: só deveriam constar da avaliação os elementos previstos como objetivos de ensino, ou coerentes com as metas. Não sendo o caso, o que podem indicar os elementos da avaliação em termos de objetivos visados? Como o professor justifica a presença desses elementos? Na resposta a estas questões, aparecem objetivos que podem estar invisíveis ao próprio docente.]*

3- Se algum aluno não alcança os objetivos de aprendizagem em sua disciplina até o final do ano letivo, o que é feito pela escola?

*[uma pergunta fundamental para saber o que é feito com resultados que podem indicar uma insuficiência não só de um ou mais alunos, mas também da escola. Para além disto, o encaminhamento dado neste caso deverá ser coerente com metas ou a função da escola. Presumivelmente, a aprendizagem do aluno é uma meta. Se não foi alcançada, o que é feito em seguida permanece ligado ao objetivo inicial (do aprendizado) ou atende a outras demandas?]*

4- Você está satisfeito com estes procedimentos, ou crê que deveria ser diferente? Como?

*[Esta pergunta oferece excelente oportunidade para o professor entrevistado refletir sobre a questão, leva-nos todos a pensar sobre a participação em uma equipe de trabalho, o que traz um primeiro grupo de informações sobre o grau de parceria no trabalho escolar]*

5- Quais são os objetivos (oficiais) desta escola?

(Se não sabe, o que pensa sobre esta lacuna? Os objetivos da escola foram definidos coletivamente?)

*[Aqui o professor pode se posicionar com relação a importância dos objetivos da escola: se de fato houver importância, haverá a necessidade de conhecê-los e*

*trabalhar com eles. Se concorda que as metas e objetivos sejam importantes, porém não os conhece, ao que atribui tal desconhecimento?]*

6- *(Em caso de saber quais sejam os objetivos da escola onde trabalha): Você está de acordo com esses objetivos?*

*(se não estiver de acordo: por quê? Como trabalha convivendo com objetivos que não concorda? Já manifestou sua discordância? Em que contexto?)*

*[Aqui entra a questão também importante de haver objetivos compartilhados em uma escola, para que haja trabalho de equipe. Não concordando com as metas propostas, o que faz o professor? Aproveita os espaços de discussão coletiva para expor seu ponto de vista?]*

7- Quais são os objetivos (metas oficiais) da escola pública, do ensino público?

8- *(Em caso de saber quais sejam os objetivos do ensino público): Você concorda, ou acha que deveriam ser outros? Quais? (Por que?)*

9- *(Em caso de saber quais sejam os objetivos do ensino público, e de concordar com eles): Como você faz em suas aulas para alcançar as metas e os objetivos do ensino público?*

10- Você sente ou vê diferentes demandas em termos de objetivos para o ensino em seu trabalho?

*(Se sim, quais são eles? Como você faz para conciliar esses diferentes objetivos, ou diferentes demandas, em sua prática?)*

*[questão vital sobre a realidade dos professores nos dias atuais]*

11- Você crê que os alunos que chegam aqui no nível médio apresentam o que se espera de alunos que concluíram o nível fundamental?

*(Se não considera, isto é um problema? Quão grande? Como resolver?)*

12- O que é determinante para que você considerar que um aluno ou aluna vá para a série seguinte ou repita a série?

*(Se a resposta não fizer referência ao domínio dos conteúdos ou habilidades desejados e cobrados: Como o aluno assim aprovado recuperará o que não aprendeu, e como isto será verificado?)*

13- O quanto uma reprovação pode interferir na vida acadêmica ou pessoal do aluno? E uma aprovação ou diplomação “por conselho”?

*[Esta questão se relaciona à visão do professor quanto ao mesmo dilema anteriormente colocado, e uma tomada de posição exigida dele como profissional. O que é mais importante: “aprovar” mesmo que levando deficiências, ou repetir todo um ano escolar? Há como conciliar as coisas para resolver tudo? Se sim, como? Se não, o que prevalece? Por que? A resposta dada àquelas perguntas, estendidas e comentadas, evidencia então o que tem mais peso para o professor entrevistado, seus valores e metas de trabalho].*

14 – Há alguma coisa que deseja falar e que não foi perguntada?

**ROTEIRO DE ENTREVISTA, FORMA FINAL:**

Professor \_\_\_\_\_  
Em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

- a) Há quanto tempo trabalha como docente? (Nesta e em outras escolas)
- b) Sua formação inicial foi em que área?
- c) Em qual instituição?
- d) Fez Licenciatura?
- e) Há quanto tempo se formou?
- f) Dá aulas de qual disciplina na escola?

(0) - (Fale um pouco sobre sua escolha pela carreira docente: por que você escolheu ser professor(a)?)

[1-] Quais são os objetivos de sua disciplina?

[1-a:] O que o(a) levou a definir este(s) objetivo(s) para o seu trabalho?

[2-] Ao avaliar os seus alunos em sua disciplina, o que entra na avaliação? (Conteúdos? Habilidades? Comportamento? Outros?) **Atenção:** não se trata aqui de explicar o “método” de avaliação, mas os quesitos verificados.

[(2-a)] (Como verifica?) (métodos)

[3-] Se algum aluno que ao longo do ano tenha sido muito participativo e esforçado, ainda assim, não alcança os objetivos que você traçou para sua disciplina até o final do ano letivo, o que **você** faz?

[3-a:] A escola encaminha os alunos que não alcançaram os resultados esperados para a **dependência** ou **reprovação**. No caso da dependência, não há novas aulas; apenas novas provas. Você está satisfeito(a) com estes procedimentos, ou crê que deveria ser diferente? Como?

[4-] Quais são os objetivos (oficiais) desta escola?

[4-a:] (*Se não sabe:*) Não saber exatamente as metas e objetivos da escola não interfere com seu trabalho?

[4-b:] (*Se sabe:*) Você está de acordo com esses objetivos?

[4-c:] Por quê?

[4-d:] (Sabe se os objetivos da escola foram definidos coletivamente?)

[5-] Você saberia me dizer quais são os objetivos (metas oficiais) da escola pública, ou do ensino público?

(*Em caso de saber quais sejam os objetivos do ensino público:*)

[5-a] Você concorda, ou acha que deveriam ser outros?

[5-b:] Quais?

[5-c:] (Por que?)

[5-d] (*Em caso de **saber** quais sejam os objetivos do ensino público, e de **concordar com eles***): Como você trabalha para alcançar essas metas e os objetivos do ensino público?

[6-] Você sente ou vê diferentes demandas em termos de trabalho e objetivos para o ensino em seu trabalho?

(*Se sim:*) [6-a] quais são eles?

[6-b:] Como você faz para conciliar esses diferentes objetivos, ou diferentes demandas, em sua prática? (concilia, de fato? Não considera todos? Qual o seu critério de escolha neste caso?)

[7-] Você crê que os alunos que chegam aqui no nível médio apresentam o que se espera de alunos que concluíram o nível fundamental?

(*Se não considera:*) [7-a:] Isto é um problema? Quão grande?

[7-b:] Você vê soluções para este problema?

[8-] O que é determinante para você considerar que um aluno vá para a série seguinte ou repita a série?

(*Em caso de uso do “comportamento” etc. para aprovação:*)

[8-a:] Como o aluno assim aprovado recuperará o que não aprendeu?

[8-b:] A avaliação que você faz em relação ao comportamento do aluno possui algum critério ou instrumento objetivo, usado sistematicamente?

[9-] Você considera que os professores aqui na escola trabalham normalmente em conjunto ou não?

[10-] O quanto uma reprovação pode interferir na vida acadêmica ou pessoal do aluno?

[10-a:] E uma aprovação ou diplomação “por conselho”?

-----

[11-] Há alguma coisa que deseja falar e que não foi perguntada?

[12-] PROFESSOR(A), MUITO OBRIGADO PELA SUA DISPONIBILIDADE!

## Transcrição de uma das entrevistas

Professora Adriana, disciplina de Língua Estrangeira – Inglês.

P = Pergunta, entrevistador; R = Resposta, entrevistado.

**(Início)**

P: Então, fala um pouco sobre a sua escolha pela carreira docente, por que você escolheu ser professora?

R: Eu sempre gostei de idiomas e eu também, quando eu era aluna eu gostava de passar o meu conhecimento pros outros, tipo, quando meu colega tinha alguma dúvida assim, eu gostava de ajudar, de acordo com o conhecimento, conforme eu pudesse eu gostava de ajudar o meu colega no estudo.

P: É? Que legal!

R: Eu acho que eu nasci pra ser professora mesmo, desde pequena eu ficava brincando lá de ser professora.

P: É? Que legal!

R: Eu botava o meu irmão lá pra... mas não dava certo, porque era preguiçoso.

P: Vocês são aqui do Rio de Janeiro?

R: Sim, sim. Meu pai que é da Itália, até vai viajar domingo agora pra lá.

P: Sua mãe é do Brasil?

R: Sim, sim, eles se conheceram aqui.

P: Se conheceram aqui. Legal. E na sua disciplina aqui, que é inglês, né, qual é o objetivo da sua disciplina aqui pros alunos? Qual que é o seu trabalho?

R: Nada. É fazer com que os alunos sejam capazes de ler um texto em inglês e entender o texto, saber compreender o texto.

P: Muito legal. E o que a levou a definir esse objetivo pro seu trabalho?

R: Tipo, eu ou o Estado?

P: Essa é uma pergunta que eu estou fazendo, quem colocou esse objetivo? Foi você ou foi o Estado?

R: Não, o que acontece? O estado pede que eles sejam capazes de compreender o texto e em cima daquele texto, que eles respondam perguntas, perguntas de compreensão do texto e também relacionados à gramática, porque é tudo tirado do texto. Só que eu aproveito a experiência que eu tenho do curso [curso particular onde trabalha] e também às vezes boto eles pra falarem um pouco, tipo um fazer pergunta pro outro, pra tornar a aula um pouco mais dinâmica, não ficar só esse negócio de ficar lendo o texto, respondendo. Eu faço eles participarem, tipo, porque se você é capaz de responder uma pergunta ou fazer uma pergunta você está dominando o idioma.

P: A compreensão. O método vai ficar por conta do professor.

R: Sim. Pela experiência que eu tenho do curso também.

P: Aham, que legal.

R: Pra fazer eles participarem da aula.

P: Então, quer dizer, o objetivo foi colocado pelo estado, né?

R: Sim, porque além de fazer ler textos eu também vejo como importância que eles entendam. Não só entender textos, mas que eles saibam formar frases, porque se você souber formar a frase naquele tempo você vai reconhecer no texto, de certa forma, você tem que saber formar, se não ver que você está entendendo, não é só uma... Não é só decorar, você tem que entender o que você está estudando. É o que eu falo pros alunos, não é decorar, você tem que entender.

P: É, a gente fala toda hora. E quando você avalia os seus alunos na sua disciplina, o que é que entra na avaliação? São os conteúdos? As habilidades? Comportamento? É só isso que você...

R: Eu avalio o comportamento, interesse, comportamento, interesse, participação, e também o que ele conseguiu aprender do conteúdo que foi passado.

P: E o quê que vem em primeiro lugar dessas coisas todas?

R: Eu acho que seria o que ele entendeu dos conteúdos que foram passados pra ele, porque em cima disso é que ele vai conseguir se desenvolver no idioma, levando... de acordo com o que ele aprendeu do que o professor passou pra ele.

P: E aí pra isso você passa prova, trabalho.

R: É, eu passo teste, trabalho e prova.

P: Aham. Aí corrige lá e manda...

R: Sim.

P: Mas assim, quando se trata de comportamento, assiduidade e tudo você pega o diário de classe e olha lá?

R: Ah sim. E também o livro, também como é difícil os alunos quererem trazer livro pra sala de aula, então se trazer livro no final do bimestre ajuda com meio ponto. E eu anoto, né? Tipo, o aluno que se comportou bem, então eu tenho anotado, perdeu um ponto, perdeu dois pontos, porque na hora de analisar....

P: E se uma coisa assim acontece ali e você, “pô, esse aluno está perturbando muito”, você faz uma anotação lá?

R: Sim, sim, eu faço uma anotação pra eu na hora que eu estiver avaliando a nota final.

P: Aquilo compõe a nota dele.

R: Sim, eu lembrar do ocorrido.

P: Do ocorrido, é porque é muito aluno. Entendi. E se tem assim um aluno que ao longo do ano foi muito participativo, esforçado, mas, ainda assim, ele chega lá no final do ano, ele não alcança aqueles objetivos de leitura, de interpretação, aqueles objetivos colocados pela sua disciplina, e aí como é que você faz ou o quê que acontece com ele?

R: Porque a gente dá uma recuperação, né? E aí quando eu dou a recuperação, normalmente antes da recuperação eu tiro dúvidas, eu procuro ver qual está sendo a deficiência daquele aluno, pra ver como é que eu posso ajudar tipo com mais exercícios ou tirando dúvidas com outros exemplos que eu dei assim e tudo.

P: Então você chega pra esse aluno que não conseguiu ou aluna...

R: É tipo, que tem a recuperação. Só que antes da recuperação eu ainda tiro dúvidas.

P: A recuperação paralela aqui, pelo que eu estou entendendo, pelo que os professores estão falando, é só a prova, não tem aulas de recuperação. Né?

R: Não, mas o que acontece? A recuperação paralela que eu estou fazendo agora, que antes eu fazia só no final, depois da prova, só que eu comecei a perceber que com isso eu estava favorecendo às vezes o aluno que não estava presente na sala de aula, não se dava bem na prova e só parecia na recuperação depois da prova. Então se o aluno quiser se recuperar ele vai ter que estar presente. Porque tipo hoje, eu estava trabalhando discurso indireto, então eu vi com eles exercícios no livro e depois disso eu dei um trabalho pra eles de recuperação paralela.

P: Ou seja...

R: Mas se baseando no que eu tinha acabado de passar pra eles.

P: Tá. Então você dá uma atenção pra esses alunos que estão com dificuldades já durante o percurso, né?

R: Sim, eles... Só o aluno que não quer nada que não vai conseguir. Se o aluno for interessado... Vamos dizer que na aula anterior eu ensinei a matéria nova da gramática, se na aula seguinte ainda tiver alguma dúvida eu explico de novo, dou mais exercícios, só o aluno que não quer nada que não vai conseguir.

P: Entendi. Mas não acontece então de um aluno que quer e ele não consegue?

R: Não, o aluno que quer é muito difícil não conseguir. Agora, o aluno que não está interessado, não fizer o teste, não fizer a prova, não vier pra recuperação então não tem como recuperar esse aluno. O aluno tem que chegar junto também, porque se ele... As oportunidades são dadas pra ele, mas se ele não aproveitar as oportunidades que estão sendo dadas pra ele aí que ele vai ficar reprovado.

P: Entendo. Lá no finzinho do ano, a escola encaminha os alunos que não alcançaram aqueles resultados esperados pra dependência ou pra reprovação, dependência são até duas matérias ou três...

R: Sim, sim, dependência são duas matérias.

P: Duas matérias?

R: É. De três em diante já ficam reprovados.

P: No caso da dependência, se ele ficar com uma ou duas, ele vai fazer a série seguinte, mas repete as provas daquela disciplina que ele não obteve aquele desempenho?

R: Vai depender de como vai ser a dependência. Às vezes tem professor que deixa trabalho pra fazer, vai ser no ano seguinte, aí tem períodos que a escola já passa pro aluno, pra quem tiver dependência, a primeira é a oportunidade de dependência, é na data tal e aí o professor deixou um trabalho pra ele fazer e aí normalmente o professor também deixa o conteúdo que ele tem que estudar ou uma prova, vai ser um trabalho ou uma prova.

P: Mas não tem novas aulas daquele conteúdo do ano que passou? São só os trabalhos que são deixados?

R: É difícil, porque principalmente... Porque poderia ter aulas no contra turno só que é difícil pro turno da tarde porque de manhã as salas são muito lotadas, não teria como o aluno estar vendo essas aulas novamente no período da manhã.

P: Não tem espaço.

R: Não. Então, o aluno normalmente ele vai ter que ir sozinho correr atrás, pegar a matéria pra estudar pra poder fazer o trabalho ou a prova pra ir com isso conseguir passar na dependência.

P: Entendi. E você como é que vê essa situação? Está ok? Deveria ser diferente?

R: Eu acho que seria melhor se eles pudessem ter aula no contra turno. Porque imagina se eu fico com dependência em química, física, matemática, como é que ele sozinho vai conseguir se recuperar? Se ele não tiver...

P: Nessas disciplinas é mais difícil dele se recuperar sozinho?

R: A meu ver sim, a meu ver sim porque são matérias que ele tem que usar muito a lógica e fórmulas, depende de fórmulas, saber como usar aquelas fórmulas. Ele pode até ver sozinho as fórmulas num livro, mas se ele não souber como usar eu acho mais difícil pra ele se recuperar. Porque às vezes idioma pode ser até um pouco mais fácil, né? Mas assim, a parte de matemática, química, física, biologia, partes que você precisa saber como usar aquelas fórmulas pra... Aí fica mais difícil.

P: Entendi. Tá. E você...

R: Eu não sei se você concorda comigo.

P: Acho que sim, deixa eu ver, sim, tem umas disciplinas... Eu tenho pra mim, as disciplinas que pra mim são mais difíceis, eu ia precisar de muita ajuda mesmo. Eu acho que o idioma talvez eu estivesse mais facilidade também, eu acho.

R: Tanto que eu até sou contra dependência, por mim não existiria dependência, ou o aluno passou ou fica reprovado. Porque como eu falei, o aluno não vai ter aula pra ter dependência, entendeu? Eu não concordo muito com a dependência, porque o aluno sozinho ele vai recuperar o que ele não conseguiu no ano inteiro tendo aula com professor?

P: Isso pra mim também faz sentido.

R: Comigo, ou fica reprovado – até hoje foi só um que ficou comigo reprovado – ou passou. Pelo menos os alunos que estão ruins comigo também estão com outros professores, então...

P: Aí você fica mais tranquila quanto a isso.

R: Não, porque acho que ficaria difícil dependência sem ter aula.

P: Eu também acho. Eu acho.

R: Porque se com aula ele não foi capaz de aprender o conteúdo de forma a conseguir fazer bem a avaliação, como é que sozinho ele vai conseguir?

P: Tá. De pleno acordo contigo.

R: Só que o Estado botou essa dependência, né? Na minha época não existia. Ou passava ou ficava reprovado.

P: Entendi. Independente do sistema do Estado assim que coloca, também cada escola tem uma certa liberdade, uma certa autonomia pra traçar alguns rumos assim. Por exemplo, os objetivos são colocados, cada escola faz um... traça um plano de ação. Você saberia dizer quais são os objetivos dessa escola?

R: Então, pra ano que vem nós tivemos uma reunião que na reunião ficou acordado que a partir do ano que vem nós vamos ter mais planejamentos em comum, não só o do... os do início do ano letivo e do segundo semestre. Os professores procurarem se encontrar mais pra fazer mais planejamento em conjunto.

P: Os da mesma área, né?

R: Sim. Com isso podem até ver formas de conseguir alcançar o aluno, de repente até tornar mais interessante a aula, pra que o aluno se interesse mais.

P: Legal. Passar...

R: Ainda está sendo gravado?

P: Eu acho que está.

R: Ah tá. Minha voz fica horrível em gravador.

P: Estamos há 20 minutos gravando. Deixa assim que é pra essa luzinha não ficar atrapalhando. Acho que assim grava também.

R: Entendi.

P: Tá. E então o Estado coloca uma porção de coisas também pra gente, nós, professores, e pras escolas. E quais seriam os objetivos pra educação pública?

R: Do Estado? Olha, eu acho que é uma pergunta que eu não respondo.

P: Tem professores que assim, responderam o que eles... a maneira como eles veem assim, eles disseram assim: "o que eu acho", aí cada professor falou uma coisa diferente. A maioria está achando...

R: Pode repetir a pergunta?

P: Quais são os objetivos ou metas oficiais da escola pública, do ensino público?

R: Ah tá. A meta do ensino, né?

P: É, do ensino público ou da escola pública.

R: Tá. Bom. Primeiro, eles falam que nós temos que criar o sentido de cidadania nos alunos, que seria uma das primeiras metas, né? Porque nós não estamos aqui só pra ensinar a nossa matéria, mas nós somos educadores, primordialmente educadores, então nós estamos aqui também pra passar esse sentido de cidadania pra eles, de criar cidadãos, né?

P: Em primeiro lugar.

R: Cidadãos e que também sejam capazes de lidar com as habilidades, saber utilizar as habilidades que estão sendo passadas pra eles, as habilidades das matérias que estão sendo passadas pra eles. Porque cada matéria também vai desenvolver uma habilidade diferente no aluno, uma habilidade cognitiva, vão ter habilidades diferentes. Habilidade de leitura.

P: Essas são as metas oficiais?

R: Criatividade, né, habilidades diferentes que você vai ter de acordo com a matéria. Tipo Artes, seria a criatividade.

P: Educação física, é diferente, né?

R: Sim, dos esportes. Assim, línguas, idiomas, normalmente de leitura, né?

P: Compreensão, expressão.

R: Isso. Então eles vão ter que lidar com isso. Desenvolver as habilidades deles pra poderem, vamos dizer, pra poderem fazer os exercícios que forem dados pra eles nas matérias de uma forma eficaz.

P: Sim, os objetivos que estão ligados às próprias disciplinas, né? Cada disciplina tem o seu objetivo, né? Diferentes habilidades.

R: Sim, você tem que trabalhar as diferentes habilidades.

P: Entendi. De acordo com a disciplina.

R: Sim.

P: Esses objetivos então estão o.k., ou você acha que pensa assim: que poderia ser diferente? ou não está satisfeita com isso? o que você acha?

R: É porque o que acontece? Nós precisaríamos de mais recursos. Tipo, pra essas matérias eu acho que seria fundamental poder usar o laboratório lá embaixo.

P: Laboratório do quê?

R: Laboratório de química, física, seria bom que pudesse, mas pra isso acho que teria que ter não só o professor, mas mais uma pessoa ajudando, né?

P: A usar os aparelhos?

R: Sim, pra poder tomar conta dos alunos também. Porque às vezes estão... Até a professora abordou isso na nossa reunião, eles estão utilizando alguns compostos que são meio perigosos, então tem que tomar cuidado quando utilizar o laboratório. E também aqui tem pessoas acho que relacionada à área de música. Então eu acho que teria que ter instrumentos assim, seria interessante. Interessante na hora que ele pudesse dar a aula dele.

P: Aham. Precisa de dinheiro.

R: É. Então essa é as metas, criar cidadãos, e também desenvolver as habilidades dos alunos pra eles poderem alcançar o que os professores esperam deles.

P: Perfeito.

R: Não sei se eu sou...

P: Não, simples, simples. Eu achei simples e coerente. E você... Agora a outra pergunta é assim: você sente que apesar de ter esses objetivos colocados pelo estado, pela escola, pra disciplina, você sente demandas diferenciadas dessas assim de, por exemplo, o aluno espera ou pede que você faça um tipo de trabalho, dê um tipo de aula? Os pais dos alunos talvez esperem uma outra coisa e o diretor também outra coisa, entendeu? Você, como professora, você sente que tem demandas diferentes sobre o seu trabalho? Sobre os objetivos do seu trabalho?

R: É, porque o que acontece? Tipo, esse ano infelizmente muitos alunos não demonstraram tanto interesse, interesse no estudo, aí isso vai de encontro à minha proposta, porque o quê que eu espero do aluno? Que o aluno se interesse pelo que ele está estudando, né? E de acordo com esse interesse ele consiga se desenvolver bem no que eu estou transmitindo pra eles, no conteúdo que está sendo transmitido pra ele.

P: Claro.

R: E o que acontece? Tem vezes que o aluno ele não consegue uma nota razoável numa avaliação por causa dele mesmo, que ele não tem interesse. Só que aí o pai vem cobrar da gente como se a escola e o professor fossem os culpados pela nota razoável que ele tirou.

P: Eles esperavam uma nota boa pra caramba e tira uma nota razoável, e não está bom.

R: É, até abaixo, abaixo da média, né? E eles não vêm como se o aluno fosse o culpado por isso, eles acham que o professor é que não transmitiu direito o conteúdo ou o professor foi rigoroso. Então ao invés deles cobrarem do próprio filho, ultimamente os pais estão cobrando da escola, do professor.

P: Ah, é? Tem acontecido?

R: É. Não digo no geral, mas em casa. Acho que às vezes ao invés de cobrar do próprio filho que ele não está se dedicando, não está se interessando e por isso não está conseguindo alcançar o objetivo, eles vão cobrar justamente o professor e a escola.

P: Entendi. Isso tem acontecido aí com vários professores, várias vezes?

R: Temos casos, né?

P: Entendi.

R: Não digo que seja no geral, mas tem casos que acontecem.

P: Entendi. Até porque a maioria dos alunos passa, né? Têm a nota pra passar de ano e os pais não se incomodam, né?

R: Ah sim, sim.

P: A maior parte dos alunos consegue a nota pra passar de ano e fica tudo bem.

R: E quando tem reunião normalmente não temos um quórum de responsáveis na reunião de responsáveis. Um número muito pequeno de pais ou responsáveis vêm à reunião.

P: E é durante esses quóruns que eles reclamam?

R: É, quando...

P: Durante esses fóruns.

R: Sim, sim. E também às vezes eles vêm aqui até a escola saber o que está acontecendo.

P: Ah tá, fora da reunião também procuram às vezes vocês pra saber.

R: Sim.

P: Entendi. E você acha que os alunos que chegam aqui do ensino fundamental, primeiro ano assim, eles trazem alguma bagagem, no seu caso, de língua inglesa, eles trazem o que seria de se esperar dos alunos que estão entrando no nível médio?

R: Porque eu tenho alunos que fizeram curso e ainda estão fazendo curso, então esses alunos eles se saem melhor, porque já têm um conhecimento, já fizeram ou Cultura ou Yes, então já têm conhecimento. E tem alunos que não sabem nada. Tem alunos que também já fizeram há algum tempo atrás, mas fizeram só um período, então estão esquecidos, né? Então o que acontece? As turmas são heterogêneas, porque tem aluno que tem um bom conhecimento. Só que quando eu ensino a turma eu tenho que partir do princípio que nenhum deles está sabendo aquele conteúdo.

P: Você começa do zero?

R: Sim. Tem que ser do zero. Porque mesmo eles já tendo tido aula no fundamental é muito difícil eles lembrarem o que eles viram no fundamental.

P: E é obrigatório o inglês?

R: Por incrível que pareça. Ah, e também acontece o seguinte, no fundamental hoje em dia também eles podem escolher espanhol, né? Então depende do idioma que eles escolhem.

P: Ah, isso que eu te ia perguntar.

R: É, porque o que acontece? Vamos dizer, no primeiro ano ele teve espanhol, não quer dizer que no segundo e terceiro ano do ensino médio vai continuar a ter o espanhol, isso também dificulta um pouco. Eu tenho um aluno agora no terceiro ano que fez dois anos de espanhol e agora está fazendo inglês comigo, então isso dificulta um pouco. Porque pela lógica se ele não fez o primeiro ano de espanhol, teria que fazer o segundo e terceiro de espanhol também, mas não é isso que acontece. Depende, na hora que as turmas são formadas, em qual turma que o aluno vai ficar.

P: Isso é um problema? Os alunos chegam dessa maneira sem ter o conhecimento?

R: Não, aí eu vou lá, tem isso. Tipo começar desde o verbo *to be* do primeiro ano. Alguns sabem verbo *to be*, outros não sabem. Mas eu procuro passar o máximo de informação pra eles.

P: Você lida bem com isso então? Resolvendo bem?

R: Sim, na medida do possível sim, depende do interesse deles, né?

P: Sempre, né? Sempre depende.

R: Mas eu procuro ser bem prática com eles. Quando eu ensino a matéria eu já mostro pergunta, resposta. Como eu te falei, se eles sabem formar pergunta ou formar resposta ele está aprendendo o que eu estou passando pra ele.

P: Ah, é. Formar pergunta e resposta, eu também acho que tá aprendendo.

R: É, porque eu acho que você tem que ter a prática também. Não adianta você encher o aluno de teorias e o aluno não souber usar na prática.

P: O que você acha que lá no final do ano é assim decisivo pro aluno, você dizer, “está aprovado em inglês”?

R: Ele demonstrar que ele entendeu a maior parte do que foi passado pra ele.

P: É, com uma prova você pode verificar isso ou teste ou trabalho.

R: Sim, sim.

P: Isso é fundamental?

P: Sim.

R: E eu procuro também, na prova tem textos, então as palavras que eu senti que de repente eles não saibam, eu boto lá embaixo algumas das palavras...

P: Ah, um glossário?

R: Isso. Porque é importante.

P: Acho legal isso. Palavras novas, difíceis.

R: Sim. E procuro também, quando eu trabalho texto em sala de aula com eles, dar técnicas de como eles fazerem pra fazer a compreensão do texto.

P: Ah, é? Legal.

R: Eles têm, que eles podem ver as palavras transparentes, que passam para o português, ou ver palavras que eles já conhecem. E o importante eles veem a ideia do texto, a ideia daquela frase. Às vezes não conhecem todas as palavras, o importante é eles entenderem a ideia que está naquela frase.

P: Bom, isso daí é um... pelo jeito que eu estou entendendo, que alguns alunos entram aqui, e é um trabalhão, é difícil às vezes, né?

R: Sim, porque você dá um texto pra eles, eles não querem nem começar a ver nada, “professor, eu não vou saber fazer”, aí você tem que mostrar pra eles que não é uma coisa impossível, que ele consegue fazer. Então o que acontece também com os alunos é que tem alunos que não confiam neles. Tem alunos que às vezes... tem alunos que tem baixa-estima, então eu acho que só atrapalha.

P: Baixa-estima, né? Atrapalha. Da onde vem essa baixa-estima? Você tem uma ideia? Faz uma ideia?

R: Eu acredito que de repente a educação que eles possam ter em casa.

P: É? Família então.

R: Às vezes até como o próprio pai e a mãe lida com ele, de não acreditar nele. Às vezes até um coleguinha, tipo acha que é até perigoso quando te ofende, dizer que o outro é estúpido, essas coisas, porque isso pode mexer com a autoestima, né, do aluno, principalmente dependendo da idade dele.

P: E você acha que, por exemplo, mexer com autoestima, você acha que uma reprovação pode fazer esse efeito também? Um aluno foi reprovado um ano?

R: Não, mas aí o que acontece? Eu até... Aqui o aluno que é reprovado muitas vezes é falta de interesse, como eu te falei. Agora no curso, eu mostro pro aluno que ele não está perdendo, pelo contrário, ele voltar um pouco vai ser lucro pra ele, porque se ele passar adiante com aquela defasagem que ele está, ele só vai ter dificuldade dali pra frente.

P: Mas você fala isso, no curso que você diz aonde? Aqui? Ah, no cursinho de inglês lá fora.

R: É. Porque aqui, infelizmente os alunos que foram reprovados são aqueles que fica difícil, porque eles não têm muito interesse. Eu procuro dar conselho pra turma toda, eu falo pra eles, “invistam em vocês, vocês têm que mostrar o valor de vocês lá fora, vocês têm que investir em vocês, vocês têm que estudar pra investir em vocês”.

P: E aí, no caso então aqui, diferente do cursinho, uma reprovação pode então afetar negativamente ou positivamente um aluno?

R: Eu acho que depende muito do aluno porque tem alunos que não têm interesse. Esses alunos que não têm interesse, aí vai ser difícil você conseguir que ele passe. Os alunos que não têm interesse normalmente ficam reprovados. E mesmo quando eu dou esse conselho, “gente, se dedica mais, isso é importante pra carreira de vocês, pro futuro de vocês”, principalmente o idioma, né? Porque eu falo pra eles que o idioma pode fazer você se dar bem no futuro porque tem empresas onde você tem que saber um idioma senão você não vai ser contratado.

P: Lógico. E isso adianta? Eles ouvem isso?

R: Difícil, hoje em dia está difícil, infelizmente está difícil. Eu acho que teria que ser feito um trabalho desde o fundamental, porque nós do ensino médio nós somos a continuação, nós estamos entre o fundamental e a faculdade. Então teria que ser feito alguma coisa pelo fundamental, alguma mudança no fundamental, entendeu? Porque o fundamental é o início de tudo, onde a gente tem a base.

P: Vem antes do ensino médio, naturalmente.

R: Sim, sim.

P: E aí você vê então o ensino médio como uma passagem entre o ensino fundamental e o ensino superior, né?

R: Porque o que acontece? Se o aluno não tem o embasamento suficiente fica difícil, né? Nós do ensino médio tentamos fazer a nossa parte, mas se ele não tem aquela base do fundamental vai ser muito mais difícil.

P: Naturalmente.

R: E aí tem alunos também que às vezes quando eles acham que está muito difícil acabam querendo desistir, “não, não consigo, deixa pra lá, não consigo.”

P: Então nesse caso uma reprovação pode fazer com que ele desista?

R: Ou dependendo, se ele tiver o encorajamento ele pode querer dar a volta por cima, né?

P: Já aconteceram as duas coisas aqui na escola? Você já viu? De um aluno que não foi bem, foi reprovado e saiu da escola?

R: Não, teve casos de alguns alunos, não muitos, que melhoraram no ano seguinte, mas não é... mas muito poucos alunos. Tem alunos que fazem o primeiro ano três, quatro, cinco vezes e aí fica difícil.

P: Caramba! Quatro, cinco vezes?

R: Sim.

P: Como você assim vê os professores aqui, independente da área, se é da mesma disciplina e tudo mais: de modo geral, eles trabalham em equipe?

R: Sim, sim. Aqui no caso, aqui o nosso interesse é que quando eles passem pelo, vamos dizer, que eles tenham que trocar de turma ou até quando eles passarem pro outro ano eles vão ter... Normalmente não é o mesmo professor, é outro professor, né? E aí o professor que eles pegarem no ano seguinte vai entender como certo que conteúdo do ano seguinte foi passado pra aquele aluno. Então a gente se reúne pra ver os conteúdos que vão ser trabalhados.

P: Em cada ano.

R: É. Pra não ter dificuldade no ano seguinte. O que acontece é que como os alunos não são de ficar sempre estudando, se preocupam mais só na hora da prova, quando chega no ano seguinte normalmente sempre vão esquecer alguma coisa, né?

P: Então isso acompanha o trabalho de equipe dos professores na escola. Vocês acertam qual é o conteúdo de cada série?

R: Sim.

P: Entendi. Bom, de pergunta que eu tinha pra fazer era só isso, Adriana. Tem alguma coisa que eu não tenha falado e você gostaria de falar sobre o seu trabalho, o seu ofício, como você vê todas essas questões do ensino público?

R: Eu vejo, tipo, a minha função e a dos meus colegas como força muito importante. Porque nós não ensinamos só conteúdos, nós fazemos os alunos também, vamos dizer, nós fazemos os alunos pensarem sobre a realidade à volta deles.

P: Isso é muito legal.

R: Se eles começarem a pensar sobre o que está acontecendo assim no nosso país, à nossa volta, isso é importante. Não só trabalhar os conteúdos da matéria, mas trabalhar também o que acontece na nossa sociedade, né?

P: Aham, tá bom. Então professora, muito obrigado pela sua disponibilidade.

R: E ficou boa a gravação?

P: Vamos ver. Acho que ficou.

**(Fim da transcrição)**